

DE MARX A ADORNO: CONTRIBUIÇÕES DA CRÍTICA DE MÍDIA PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Cleyton Pereira Lutz, Eugenia Portela de Siqueira Marques

cleyton.lutz@ifms.edu.br, portelaeugenia@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

Resumo. A vida em sociedade na contemporaneidade é mediada pelos meios de comunicação. Considerando o impacto que eles têm como fonte de informação, atuando na produção de conhecimento, surgiu a crítica de mídia, com o objetivo de problematizar os conteúdos produzidos pelas empresas de comunicação. Junto com os instrumentos internos de prestação de contas e com o papel desempenhado pelos observatórios de mídia, uma das ferramentas da crítica de mídia é a literacia midiática. Com o foco em tornar o público em geral capaz de acompanhar o conteúdo produzido pelos veículos de comunicação de maneira crítica, a literacia também pode ser aplicada em sala de aula, seja no ensino fundamental ou médio. A partir disso busca-se aqui apontar caminhos para literacia midiática, destacando sua importância para uma educação emancipatória. Utilizando-se de intelectuais como Karl Marx e Theodor Adorno, é feita, por meio de uma pesquisa bibliográfica, uma discussão pautada no processo de emancipação, como ele pode ser trazido para a educação e como a literacia midiática pode ser usada para que tenhamos estudantes que consigam problematizar a forma como os meios de comunicação se apresentam perante a sociedade.

Palavras-Chave. Alfabetização midiática; Emancipação; Escola de Frankfurt.

Abstract. Contemporary society is mediated by the media. Considering their impact as a source of information and their role in the production of knowledge, media criticism emerged with the aim of problematizing the content produced by media companies. Along with internal accountability instruments and the role played by media observatories, one of the tools of media criticism is media literacy. Focused on enabling the general public to critically follow the content produced by media outlets, literacy can also be applied in the classroom, whether in elementary or high school. Based on this, the aim here is to identify paths toward media literacy, highlighting its importance for emancipatory education. Using intellectuals such as Karl Marx and Theodor Adorno, a discussion is conducted through bibliographical research, focusing on the process of emancipation, how it can be brought into education and how media literacy can be used so that we have students who can problematize the way the media presents itself to society.

Keywords. *Media literacy; Emancipation; Frankfurt School.*

Resumen. *La sociedad contemporánea está mediada por los medios de comunicación. Considerando su impacto como fuente de información y su rol en la producción de conocimiento, la crítica mediática surgió con el objetivo de problematizar el contenido producido por las empresas mediáticas. Junto con los instrumentos de rendición de cuentas interna y el papel de los observatorios de medios, una de las herramientas de la crítica mediática es la alfabetización mediática. Enfocada en permitir que el público en general siga críticamente el contenido producido por los medios de comunicación, la alfabetización también puede aplicarse en el aula, tanto en primaria como en secundaria. Con base en esto, el objetivo aquí es identificar caminos hacia la alfabetización mediática, destacando su importancia para la educación emancipadora. A partir de intelectuales como Karl Marx y Theodor Adorno, se lleva a cabo una discusión mediante investigación bibliográfica, centrándose en el proceso de emancipación, cómo puede incorporarse a la educación y cómo puede utilizarse la alfabetización mediática para que tengamos estudiantes que puedan problematizar la forma en que los medios se presentan a la sociedad.*

Palabras clave: *Alfabetización mediática; Emancipación; Escuela de Frankfurt.*

Introdução

O pensamento emancipatório foi objeto de análise de vários intelectuais ao longo da história, entre eles Karl Marx (1818-1883) e Theodor Adorno (1903-1969). Situados em momentos históricos distintos, cada um deles contribuiu para pensar a emancipação em perspectivas diferentes e complementares: para Marx através da relação entre a emancipação humana e a emancipação política; para Adorno, a emancipação se dá através da educação.

A Escola de Frankfurt, onde o pensamento de Adorno se situa, se utilizou de conceitos e categorias marxistas, às vezes aproximando-se, às vezes distanciando-se, mas nunca de maneira ortodoxa. Isso permitiu outras formulações, que se concentram no desenvolvimento da sociedade capitalista, como a da “indústria cultural”. A preocupação com a reprodução massiva de bens culturais e a difusão cada vez maior dos modernos meios de comunicação de massa, fez com surgissem críticas a esse novo aspecto do século XX.

A preocupação com a emancipação humana, a educação e os meios de comunicação fundamentam o presente trabalho, desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica a partir das obras selecionadas.

Dessa forma, propõe-se um diálogo com as possíveis contribuições que a crítica de mídia pode fornecer à discussão. Ao promover uma análise da maneira como os meios de comunicação se comportam, interagindo no debate social, a crítica de mídia não se atém apenas aos conteúdos produzidos, mas também se preocupa com o modo como a audiência lida com esses conteúdos.

Por isso é indispensável trazer a discussão sobre a crítica de mídia, exercida por meio da literacia midiática, ao cotidiano escolar, ampliando suas possibilidades e preparando professores e, principalmente, estudantes para compreenderem que o conteúdo que os meios de comunicação produzem possui objetivos próprios, que nem sempre se articulam com as necessidades da sociedade civil.

Metodologia

Adorno foi um dos intelectuais mais representativos e prolíficos vinculados à Teoria Crítica. Entre seus objetos de estudos estiveram formas de expressão artística, em especial a música, a ascensão do fascismo, os impactos do capitalismo e dos meios de comunicação de massa para a sociedade contemporânea. Também participou e desenvolveu pesquisas com foco na psicologia social e psicanálise, debruçando-se sobre temas como antissemitismo, comportamentos autoritários e uso político da propaganda.

Além de ser um dos intelectuais mais importantes do século XX, Adorno se debruçou ao longo de sua carreira acadêmica sobre dois temas que se relacionam com a discussão aqui proposta: o papel dos meios de comunicação nas sociedades capitalistas e o entrelaçamento da vida social e política com a educação.

No que diz respeito aos meios de comunicação, o termo “indústria cultural”, criado junto com Horkheimer, é uma das contribuições mais conhecidas de Adorno. Depois de aparecer pela primeira vez na obra “Dialética do Esclarecimento” (1947), o conceito reapareceu posteriormente em outros trabalhos, sendo uma das ideias do pensador que mais gerou debate com o passar dos anos. O senso comum passou a tratar “indústria cultural” como sinônimo de mídia, como reconheceu o próprio Adorno (2005b).

A opção pelo termo – em vez de outros como, por exemplo, “cultura de massas”, que poderia remeter a produções artísticas populares – se justifica para os autores uma vez que o objeto de crítica é a reprodução de bens artísticos e culturais em escala industrial, algo típico do capitalismo. Conforme expresso no prefácio da obra, a Teoria Crítica se preocupa com os efeitos negativos da técnica de produção e difusão da cultura, especialmente o cinema e o rádio. Para eles, a cultura contemporânea confere um ar de semelhança a tudo o que é produzido.

A indústria cultural se caracteriza pela padronização e produção em série, de meios que tendem a se uniformizar constantemente em sínteses, casos do rádio, televisão e cinema. O resultado disso é

o esquematismo das produções, baseado em fórmulas prontas, que leva a um nivelamento da produção cultural, baseado na repetição e na preocupação com a técnica em detrimento do conteúdo.

A técnica, por sinal, assume papel essencial na “indústria cultural”, estando ligada às críticas realizadas a razão instrumental, baseada no primado técnico-científico trazido pelo Iluminismo. A técnica se torna algo externo à produção cultural, adquirindo características e vida própria. A “indústria cultural” tornaria o homem um ser genérico, um exemplar substituível. O indivíduo passa a ser ilusório, o que culmina no abandono da perspectiva coletiva e revolucionária. Disso decorre o desaparecimento de valores básicos como a crítica e o respeito.

A cultura passa a se submeter a leis de trocas, tendo na publicidade o seu motor. Entre sua ampla produção, tem destaque a proliferação biografias baratas, livros-reportagem e canções de sucesso, sempre adaptadas ao mercado publicitário. Pode-se dizer que a “indústria cultural” assumiu a herança da democracia e dos empresários, transmitindo uma falsa sensação de liberdade. “Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 156).

Adorno qualifica o efeito da indústria cultural como “anti-iluminismo”, marcado pelo avanço progressivo do domínio técnico, provocando o engodo das massas. “Impede a formação dos indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e se decidir conscientemente” (ADORNO, 1967, s/p).

As concepções do pensador sobre o tema tiveram bastante impacto nos debates sobre os meios de comunicação no âmbito social. Adorno serviu como base para os críticos da mídia, mas também foi alvo de objeções em determinados aspectos da “indústria cultural”.

É importante destacar que o termo ganhou forma em um período de difusão dos meios de comunicação – como rádio, cinema e publicações impressas em geral – junto a evidência de regimes totalitários. Seus criadores enxergavam a “indústria cultural” como uma espécie de perversão da cultura através da massificação dos bens culturais, típica da produção industrial capitalista e do nazi-fascismo.

Dentro da Escola de Frankfurt, o pensamento de Marx teve grande importância teórica – inclusive na formulação da “indústria cultural” – se constituindo, ora através do diálogo, ora pelo contraponto.

O marxismo crítico, e não dogmático, da Teoria Crítica forneceu uma nova interpretação da teoria marxista, com ênfase na valorização de questões e problemas – como o autoritarismo e burocracia – que quase não se encontravam nas versões mais ortodoxas do marxismo.

A atenção a tendências contemporâneas da sociedade capitalista fez com que, mesmo partindo de axiomas considerados marxistas, a Escola de Frankfurt chegasse a conclusões que diferiam da teoria marxista tradicional, colocando em evidência muitos obstáculos à transformação social no futuro previsível (Held, 2012).

Sobre Adorno especificamente, Torre (2019) defende que a presença do marxismo em sua obra é reconhecida principalmente pelo materialismo histórico dialético que compõe uma das bases da Teoria Crítica.

A concepção do termo “indústria cultural” também dialoga com o pensamento marxista, considerando-o um sistema que significa o desdobramento do conceito de “fetichismo da mercadoria” de Marx: “demonstrar que o conceito de indústria cultural é um desdobramento do fetichismo da mercadoria permite defendê-lo como consistindo numa teoria mais ampla da dominação sob o capitalismo tardio e não apenas numa teoria da produção cultural” (TORRE, 2019, p. 522).

Também para Adorno, o caráter sistemático da “indústria cultural” é um desdobramento do do “fetiche da mercadoria” que se relaciona ao processo reificação, imposto também na forma de diversão e descanso. A reificação, em si, é outro conceito marxista utilizado por Adorno, que se define como um caso especial de alienação, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista (Petrovic, 2012).

Depois da “indústria cultural”, sob o ponto de vista da relação entre Marx e Adorno, passamos agora o outro conceito igualmente importante e comum aos dois intelectuais: o de emancipação.

Resultado

A emancipação foi um tema comum para Marx e Adorno. Por isso cabem algumas considerações sobre como os autores tratam-no, a partir do ponto de vista da abordagem escolhida.

Em Marx, as referências sobre emancipação normalmente utilizadas remetem a obra “Sobre a Questão Judaica” (1843). Estabelecida como contraponto ao pensamento do

teólogo e filósofo alemão, Bruno Bauer, nela é apresentada a diferenciação entre emancipação política e emancipação humana. A argumentação gira em torno da situação da população judaica no que diz respeito aos aspectos político e religioso.

Ao dizer que os judeus alemães almejam uma emancipação cidadã e política, Marx explica que emancipação política de fato representa um grande progresso – se não chega a ser a forma definitiva da emancipação humana em geral, constitui representa a forma da emancipação humana dentro da ordem mundial vigente, levando em consideração a emancipação real e prática.

Mesmo que seja de suma importância na ordem mundial vigente, a emancipação política sem emancipação humana gera problemas em termos humanos, bem como na essência da própria emancipação política. Considerando que a emancipação engloba o mundo humano e as relações entre os homens, a emancipação política reconhece os homens, por um lado, como membro da sociedade burguesa, indivíduos egoístas e independentes, e por outro, como cidadãos e pessoas morais.

Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas ‘forces propres’ [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política (MARX, 2010, p. 55).

Ou seja, para Marx emancipação política e humana caminham juntas e são imprescindíveis na articulação das forças sociais e políticas.

O tema também foi objeto das reflexões de Adorno. Parte importante das ideias dele a respeito encontra-se na coletânea de artigos intitulado “Educação e Emancipação”, resultado de debates e conferências das quais participou ao longo de sua trajetória acadêmica, transmitidos pela Rádio de Essen, da Alemanha. Neles, o intelectual discute junto a diferentes interlocutores, a relação entre educação e emancipação partir de diferentes abordagens como a importância da experiência formativa, o uso da televisão no ensino e a necessidade de propostas educativas que busquem evitar novos acontecimentos como Auschwitz.

Adorno parte do princípio de que a educação não pode se resumir a “modelagem de pessoas” ou a mera transmissão de conteúdos, devendo estar voltada a um caráter emancipador. Percebe-se na obra que educação, emancipação e democracia estão entrelaçadas. A educação precisa ser orientada para a criação de uma consciência verdadeira, elemento essencial nos regimes democráticos: “Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata” (ADORNO, 2003, p. 142).

A educação é a ferramenta evitar a repetição da barbárie, como foi o nazi-fascismo na Europa. Por isso, o ensino deve se pautar por um equilíbrio entre a individualidade dos sujeitos e papel que cada um deve desenvolver em sociedade, contra a barbárie, a favor de um “estado verdadeiramente humano”. Tal tarefa não é nem um pouco simples, já que o contexto socioeconômico e político no qual se baseia o ensino é produto da sociedade capitalista burguesa.

Na educação, a barbárie, que é o objeto contra o qual a emancipação deve se opor, se baseia no uso da autoridade e dos poderes estabelecidos, em nome da violência. “Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com os objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto a identificação com a erupção da violência física” (Ibid., p. 159).

A barbárie em si é resultado da falência da cultura, que tem como principal malefício a divisão entre trabalho físico e intelectual, acabando com a confiança dos homens em si mesmos e na própria cultura. Pode-se dizer que a barbárie é fomentada pela imposição da autoridade no ambiente escolar.

Adorno observa também a ausência do tema “emancipação” no debate pedagógico, algo que ele considera preocupante devido a importância do mesmo – a emancipação deveria começar já na primeira infância, juntamente ao processo de socialização. O intelectual considera a falta de uma proposta efetiva para a emancipação como o maior problema da educação, uma vez essa ausência interessa a manutenção de uma sociedade dicotômica e conflituosa. “Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazer fazê-lo na medida que converter esta impotência, ela mesma, juntamente a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz” (Ibid., p. 185).

A educação deve ser voltada a autorreflexão crítica, preocupando-se primordialmente com a primeira infância. À sombra de Auschwitz, destaca-se a necessidade de uma educação política, que evite o surgimento das condições que levaram ao antissemitismo. A emancipação e o esclarecimento são elementos indispensáveis para evitar novas tragédias.

Percebe-se que para Adorno a emancipação é uma necessidade política, assim como para Marx, embora o ponto de partida para a argumentação de cada um deles seja distinto, já que enquanto o último se utiliza da religião, o primeiro usa a educação para explicar a necessidade de um pensamento emancipatório.

A proposta de uma pedagogia voltada à emancipação está relacionada, entre outras coisas, a utilização dos meios de comunicação na educação.

Discussão

Como dito anteriormente, os meios de comunicação se situam dentro do sistema da “indústria cultural”. Sempre crítico a massificação dos bens culturais, típica da produção industrial capitalista, Adorno classifica-a como uma perversão da cultura.

O intelectual retornou ao tema posteriormente várias vezes ao longo do tempo. Apesar das críticas contundentes, algumas opiniões a respeito se atenuaram durante sua trajetória acadêmica, tendo ele próprio utilizado os meios de comunicação – televisão, rádio e imprensa escrita – para divulgar suas ideias.

Parte do material radiofônico foi transcrito e hoje é importante material de pesquisa. Em alguns textos, é tratada a utilização da mídia para fins pedagógicos, concentrando-se de maneira mais detida na televisão, pensada enquanto ferramenta pedagógica, com benefícios e ressalvas.

Por um lado é possível referir-se a televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades semelhantes. Por outro, existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão (ADORNO, 2003, p. 76).

O pensador enxerga a televisão sob duas perspectivas. No geral, ele chama a atenção para potencial que a mídia pode ter na prática pedagógica: “eu seria a última pessoa a duvidar do enorme

potencial da televisão justamente no referente à educação, no sentido da divulgação de informações e esclarecimento” (Ibid., p. 77). Mas para ele também existem perigos proporcionados pela televisão, principalmente no que diz respeito a sua utilização em grande escala visando à reprodução de ideologias e sem preocupação com a consciência dos espectadores. O uso da televisão na educação deve ser feito considerando o conteúdo dos programas e não o aspecto técnico. Adorno alerta ainda para a existência de uma ideologia que norteia a programação das emissoras, buscando criar uma falsa consciência além de promover o ocultamento da realidade.

Por isso o uso dos meios de comunicação na educação deve se voltar para a problematização de conceitos, permitindo um juízo autônomo e independente, combatendo a ideologização, responsável pela modelagem da consciência, que ocorre através da “indústria cultural”.

Valendo-se da relação professor-aluno, a utilização da mídia deve ser criteriosa e avaliada através de uma reflexão baseada em uma investigação empírica, levando em consideração o público-alvo e a disciplina em questão: “o lado informativo da televisão, que nos parece ser o mais produtivo, é simultaneamente aquele que se expõe mais facilmente as modernas metodologias de pesquisa, possibilitando efetivamente decidir entre o que apresenta de bom e de ruim” (Ibid., p. 91).

Com base no resultado dessa investigação, Adorno destaca a necessidade de aperfeiçoamentos ou solução intermediárias a partir das opções disponíveis. Defende, por exemplo, que as emissoras de rádio e televisão devem apresentar uma perspectiva formativa em sua programação de maneira geral, e não concentrá-la unicamente em programas específicos. Os programas devem se pautar pela preocupação com elementos informativos e documentários, além da interação entre pesquisa e produção, da relação entre programas especiais e programação geral, bem como do rompimento da esfera íntima da escola.

Os meios de comunicação também são indispensáveis na educação como objeto de estudo. Conhecer os objetivos das mensagens midiáticas, independente do tipo que elas possam assumir, é essencial para uma pedagogia voltada à emancipação. Isso deve ser feito pelos professores visando instruir os alunos a compreenderem a maneira como são articulados os discursos através dos diferentes tipos de mídia.

É necessária a formação dos alunos para uma leitura dos conteúdos dos meios de comunicação com vistas a emancipação, através da análise crítica dos filmes comerciais, dos programas matinais de rádio e das músicas de sucesso, tocadas a exaustão nas rádios, além da leitura em conjunto das revistas ilustradas.

Por exemplo, imaginaria que nos níveis mais adiantados do colégio, mas provavelmente também nas escolas em geral, houvesse visitas

conjuntas a filmes comerciais, mostrando-se simplesmente aos alunos as falsidades aí presentes; e que se proceda de maneira semelhante para imunizá-los contra determinados programas matinais ainda existentes nas rádios, em que nos domingos de manhã são tocadas músicas alegres como se vivêssemos num "mundo feliz", embora ele seja um verdadeiro horror; ou então que se leia junto com os alunos uma revista ilustrada, mostrando-lhes como são iludidas, aproveitando-se suas próprias necessidades impulsivas; ou então que um professor de música, não oriundo da música jovem, proceda a análises dos sucessos musicais, mostrando-lhes por que um hit da parada de sucessos é tão incomparavelmente pior do que um quarteto de Mozart ou de Beethoven ou uma peça verdadeiramente autêntica da nova música (Ibid., p. 183).

A necessidade de uma leitura crítica dos meios de comunicação se liga diretamente à prática pedagógica e ao potencial emancipatório da educação. “A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal poderia se dar ao luxo de ser opor de maneira explícita a esse esclarecimento (Ibid., p. 183).

Para Adorno, uma educação emancipatória passa pela leitura crítica dos conteúdos produzidos pelos meios de comunicação.

Em um contexto marcado pela profusão de veículos informativos, extensa reprodução de conteúdo (muitas vezes sem a devida checagem das informações apresentadas), convergência dos meios de comunicação, surgimento constante de novas tecnologias e crise da credibilidade jornalística, reforça-se a necessidade de reflexão sobre a responsabilidade social da mídia no momento atual.

Apesar da importância do tema para o sistema democrático, em um país marcado pela concentração de propriedade dos meios de comunicação em poucos conglomerados nacionais e regionais, o debate sobre a crítica de mídia no Brasil é recente e não ocorre sem sobressaltos:

a crítica de mídia não se implementa com vigor e alcance no país porque uma trama bem urdida a impede. É preciso reconhecer também que a crítica de mídia é um exercício recente para o jornalismo nacional, e que historicamente os profissionais e as redações mostram-se impermeáveis às críticas (CHRISTOFOLETTI, 2017, p. 46).

Em meio aos desafios apresentados à crítica de mídia, os observatórios desempenham importante papel na análise do conteúdo jornalístico produzido pelos meios de comunicação, em diferentes aspectos como produtos, processos, rotinas e práticas, que são avaliados, medidos e comparados, buscando contribuir para o aperfeiçoamento da mídia brasileira. O objetivo do

exercício da crítica de mídia é contribuir para a prática democrática, através do controle social para um serviço público, como a radiodifusão no país, cujo exercício é mantido na maioria dos casos por empresas privadas.

A ação dos observatórios junto à mídia busca limitar a prioridade econômica do lucro máximo e tenta instituir o interesse social em seus conteúdos. E é assim que os observatórios de mídia colaboram com o progresso democrático. Suas práticas variam desde a formação de grupos de interesse até o fornecimento de informações especializadas, consultorias e assessorias. Agem não apenas na democratização da comunicação, mas também para a democratização da sociedade como um todo (REBOUÇAS & CUNHA, 2010, p. 86).

Além da aplicação de instrumento de *accountability*, entendida como prestação de contas e/ou responsabilidade social da mídia como serviços de *ombudsman*, ouvidoria e outros instrumentos inovadores (Paulino, 2013), a prática da crítica de mídia passa pela atuação dos observatórios, por meio de iniciativas mantidas no rádio, televisão e meio digital, mantidos por cursos de graduação e pós-graduação, organizações não-governamentais, associações de classe, entre outros (Christofolletti, 2010), incluindo nela um aspecto importante: a literacia midiática.

Christofolletti (2010) destaca duas funções preponderantes da crítica de mídia e da atuação dos observatórios: alfabetizar para a leitura dos meios de comunicação e contribuir para o aperfeiçoamento do jornalismo. Rebouças & Cunha (2010), por sua vez, citam cinco práticas que podem ser desenvolvidas junto à observação dos meios de comunicação: a) pedagogia crítica da mídia, b) mídia cidadã, c) ativismo midiático, d) monitoramento da mídia e (e) formulação e proposição de políticas públicas.

Já com relação aos observatórios de mídia, Damas & Christofolletti (2006), com base no panorama latino-americano, dividem em seis as atividades principais de crítica exercidas através dos observatórios: 1) revisar o conteúdo e a oferta dos meios; 2) elaborar estudos, informes e análises comparativas; 3) publicar ou difundir os resultados de suas atuações; 4) d) recolher queixas, críticas e comentários dos consumidores; 5) capacitar a audiência para o consumo crítico dos meios; 6) capacitar os jornalistas para a elaboração de um jornalismo de qualidade.

Enquanto as quatro primeiras se referem à fiscalização do conteúdo produzidos pelos veículos de comunicação, as duas últimas tratam do papel alfabetizador que pode ser exercitado pela crítica de mídia.

Apesar da importância que os observatórios latino-americanos conferem à necessidade de fiscalização dos meios, seria injusto pensar que sua função se restringiria a isso. Esses *media watchers* completam sua atividade com uma finalidade edificante e construtiva que os leva a oferecer propostas de aperfeiçoamento da mídia (DAMAS & CHRISTOFOLETTI, 2006, p. 160-1).

Ou seja, um dos principais eixos do exercício da crítica de mídia é justamente a literacia midiática, conceito que pode ainda apresentar os termos “letramento” e “alfabetização” como sinônimos. A prática – que pode receber ainda outras denominações como mídia-educação ou educomunicação, no estudo de fenômenos conceituais da comunicação e educação, configurados pela abrangência e complexidade das terminologias (Melech, 2014) – tem como objetivo tornar os cidadãos aptos a ler os conteúdos dos meios de comunicação de maneira crítica.

Isso nos permite observar como a crítica de mídia – normalmente associada ao trabalho de ouvidores, *ombudsmans* e observatórios de imprensa – pode ser levada para dentro de sala de aula, buscando tornar professores e estudantes capazes de problematizar o conteúdo produzido pela mídia brasileira.

A preocupação com o impacto da quantidade de informação disponibilizada diariamente aos cidadãos do mundo todo, principalmente através do avanço das tecnologias da informação e comunicação, levou a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) a emitir em 2012 a Declaração de Moscou sobre alfabetização midiática e informacional. O evento realizado no país – que reuniu cerca de 130 participantes de 40 países representando todos os continentes, incluindo o Brasil – deu origem ao documento, que chegou a um consenso que diz, entre outras coisas:

A Alfabetização de Mídia e Informação (AMI) é um pré-requisito para o desenvolvimento sustentável de sociedades do conhecimento abertas, plurais, inclusivas e participativas e das instituições cívicas, organizações, comunidades e indivíduos que compõem essas sociedades (UNESCO, s/p, 2012).

Entre as propostas contidas no documento estão o reconhecimento da literacia midiática como ferramenta de bem-estar e progresso para indivíduos e sociedade, a

necessidade de se que ela seja promovida por políticas nacionais, a colaboração de diferentes atores (governo, empresas de comunicação, ONGs, etc), o incentivo aos sistemas educacionais para que incorporem a prática, a realização de pesquisas sobre o tema, o desenvolvimento de novas ferramentas/técnicas e o incentivo ao diálogo intercultural e a cooperação internacional.

Quando pensamos na maneira como a crítica de mídia pode ser praticada na sala de aula, por meio da literacia midiática, várias são as possibilidades.

Experiências já desenvolvidas e estudos de mapeamento fornecem indicações de caminhos – através de cursos, oficinas e projetos, normalmente de caráter multidisciplinar – para iniciativas que busquem tornar professores e estudantes aptos a ler o conteúdo difundido pelos meios de comunicação de maneira crítica, em iniciativas que podem abranger universidades, organizações da sociedade civil, organizações não-governamentais e escolas de ensino fundamental e médio.

Caprino (2014), por exemplo, agrupa as iniciativas de literacia midiática em cinco tipos: audiovisual (que incluiu audiovisual em geral, cinema, vídeo, rádio/áudio, fotografia), mídia digital (*blog*, *site*, mídia móvel e redes sociais), impressos (jornal, revista e boletim); tecnologias da informação e comunicação (computadores, internet, aplicativos, *design* gráfico/computação gráfica) e outros (comunicação em geral, publicidade, etc).

Nessa perspectiva, os meios de comunicação digitais recebem atenção especial, ganhando destaque em contraponto aos tradicionais (cinema, jornal, rádio, revista e televisão):

A inclusão digital, entretanto, pode e deve ser também um processo de educação midiática e resultar em processos de comunicação comunitária. Ser alfabetizado digitalmente não significa ser somente usuário de ferramentas e deter habilidades mecânicas para manejar um computador ou programas de informática, significa entender os processos de produção de conhecimento que estão subjacentes à rede de computadores, ser crítico aos seus conteúdos e produzir mensagens comunicativas. O acesso do cidadão aos meios de comunicação como protagonista deve acontecer em todas as mídias (CAPRINO, 2014, p. 354).

Com base nas observações sobre o tema feitas até agora, seguem algumas propostas gerais de aplicação da literacia midiática, destinadas a professores e estudantes do ensino fundamental e médio, em termos de acesso, compreensão crítica e produção midiática, contemplando diferentes conteúdos e saberes, com ênfase nas atividades inerentes ao jornalismo:

a) preparação voltada especificamente a docentes das redes municipal e estadual, para que sejam capazes de disseminar a prática de crítica de mídia durante suas aulas regulares e/ou através de projetos específicos;

b) iniciativas com o intuito de discutir junto aos estudantes reportagens veiculadas na grande imprensa, com a devida contextualização, fazendo-os compreender como, por exemplo, funciona o enquadramento jornalístico;

c) ações com foco na identificação de notícias falsas e no impacto que elas trazem para a vida em sociedade;

d) iniciativas que contemplem a compreensão e prática dos princípios básicos do jornalismo, junto com visitas a veículos de comunicação regionais, além de conversas ou palestras com a participação de jornalistas profissionais;

e) incentivo à criação de veículos de comunicação locais (*blog, podcast, jornal mural, rádio escolar, canal de vídeos no YouTube, etc*), produzidos pelos próprios alunos, sob a supervisão de professores, tratando das demandas da comunidade em que a escola se situa, seguida da devida comparação com veículos de comunicação profissionais;

f) preparação para identificar o potencial que as redes e mídias sociais têm como fonte de informação voltada à comunidade, acompanhada do devido treinamento, tanto para estudantes quanto para professores, para que elas possam ser utilizadas com essa finalidade.

Considerações finais

É inegável que os meios de comunicação permeiam a sociedade contemporânea, impactando as relações sociais, interferindo na agenda pública e influenciando na maneira como o nosso conhecimento se constrói cotidianamente.

Considerando isso, Marx, Adorno e a Escola de Frankfurt fornecem subsídios para pensar a necessidade de um comportamento emancipatório, trazido para a educação, e com a possibilidade de uso dos meios de comunicação para atingir tal intento. Mesmo que seus pensamentos não se encontrem no cerne da crítica de mídia, Marx e, principalmente, Adorno têm muito a nos dizer sobre como a necessidade de emancipação e a urgência de uma educação emancipatória, que se utilizem da literacia midiática para atingir seus objetivos.

Em um período em que os cidadãos são bombardeados com informações de diferentes formas, e de fontes muitas vezes duvidosas, os ataques das/e as instituições governamentais se multiplicam e os recursos investidos na educação diminuem ano após ano, é possível afirmar que a crítica de mídia, exercida através da literacia midiática, se apresenta como uma necessidade democrática.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. **Resumè sobre indústria cultural**. 1967. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/ADORNO_-_R%C3%A9sum%C3%A9_sobre_ind%C3%BAstria_cultural_-_Adorno.htm?1349567486>. Acesso em: 21 jul. 2022.

_____. **Educação e Emancipação**. São Paulo/SP: Paz e Terra, 2003.

_____. **Textos escolhidos**. São Paulo/SP: Nova Cultural, 2005.

_____. Teoria da semicultura. **Primeira Versão**, Porto Velho/RO, v. 13, nº 191, p. 1-20, mai./ago. 2005b.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 1985.

CAPRINO, M. P. Mídia-educação, inclusão digital e comunicação comunitária: espaços de interconexão. In: SOARES, I. O; VIANA, C. & XAVIER, J. B. (orgs.). **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções**. São Paulo/SP: ABPEducon, 2016, p. 339-357.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo/SP: Ática, 2012.

CHRISTOFOLETTI, R. Sobre pedras e tijolos. In: _____ (org.). **Vitrine e vitraço: crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã/Portugal: LabCom Books, 2010, p. 1-5.

_____. Teses para uma autocritica dos observatórios de mídia. **Revista internacional de Comunicación y Desarrollo**, Compostela/Espanha, nº 6, p. 105-115, 2017.

DAMAS, S. R. & CHRISTOFOLETTI, R. Fiscalizar e alfabetizar: dois papéis dos observatórios de meios latino-americanos. **Em Questão**, Porto Alegre/RS, v. 12, nº 1, p. 149- 169, jan./jun. 2006.

Escola de Frankfurt. HELD, D. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 2012, p. 208-214.

GHIRALDELLI, JR., P. **O que é dialética do iluminismo?** Barueri/SP: Manole: 2012.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. São Paulo/SP: Boitempo, 2010.

MELECH, E. C. Educomunicação e alfabetização midiática e informacional – AMI: temporalidades conceitos e práticas. In: SOARES, I. O; VIANA, C. & XAVIER, J. B. (orgs.). **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções**. São Paulo/SP: ABPEducon, 2016, p. 210-229.

MONGENDORFF, J. R. A escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, Porto Alegre/RS, v. 26, nº 63, set.-dez. 2012, p. 152-159.

PAULINO, F. O. Os serviços da ouvidoria de rádios públicas como instrumento de prestação de contas e responsabilidade social da mídia. In: PAULINO, F. O. & SILVA, L. M. (orgs.). **Comunicação pública em debate: ouvidoria e rádio**. Brasília/DF: Editora da UnB, 2013, p. 55-70.

REBOUÇAS, E. & CUNHA, P. Observatórios de mídia como instrumentos para (da) democracia. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro/RJ, v. 4, nº 4, p.85-93, nov., 2010.

Reificação. In: PETROVIC, G. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 2012, p. 494-497.

TORRE, B. D. Adorno, leitor de Marx. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro/RS, v. 9, nº 5, mai.-ago. 2019, p. 519-541.

UNESCO. **The Moscow Declaration on Media and Information Literacy**. 2012. Disponível em: <<http://www.ifla.org/en/publications/moscow-declaration-onmedia-and-information-literacy>>. Acesso em: 21 jul. 2022.